

Suino cultura

INDUSTRIAL.COM.BR

ISSN 2177-8930

Nº 01|2018 | Ano 40 | Edição 280 | R\$ 26,00

Gessulli
AGRIBUSINESS
REFERÊNCIA E INOVAÇÃO

Circovírus Suíno 2b

Estudo busca descrever o primeiro isolamento de PCV2b em linhagens de células de macrófago (I744), verificando a taxa de mutação nesse sistema

PROCESSAMENTO DE CARNE

Análise de capacidade do processo de pesagem da linguiça toscana

MERCADO

Otimizar ingredientes na nutrição é a alternativa para escassez de vitaminas A e E

PRÊMIO CIENTÍFICO IOG

Leitões alimentados à base de dietas com adição de β -glucanos e prebióticos



SISTEMA DE ALOJAMENTO DE MATRIZES NA GESTAÇÃO

As mudanças no sistema de produção de suínos não param no sistema de gestação. O próximo passo é a alteração do sistema de parição, onde assim como no sistema de gestação as fêmeas são mantidas em celas que impedem a expressão do comportamento natural da matriz suína, para o sistema de parição em baias

Por *Osmar Antonio Dalla Costa*¹ e *Filipe Antonio Dalla Costa*²

A produção de suínos contemporânea é extremamente dinâmica, onde a indústria e o próprio produtor testam e absorvem novas tecnologias, sejam elas de manejo, nutricionais, sanitárias ou estruturais, antes mesmo disso ser exigido pelo mercado, sempre a fim de melhorar os índices produtivos da granja e qualidade da sua produção. Com o bem-estar animal, isso não foi diferente. Apesar das exigências dos países exportadores e demanda do mercado consumidor, nota-se uma crescente busca e adesão do

produtor de suínos por práticas que respeitem os princípios do bem-estar animal, uma vez que ele percebeu a melhoria que isso pode trazer não somente nos índices produtivos da granja, mas também na facilidade de manejo diário e diminuição do estresse tanto dos colaboradores, que em algumas situações praticavam manejos mais rústicos, quanto dos animais.

Desde meados da década de 1970, a produção de suínos no Brasil passou de uma criação em grupos para o sistema de confinamento de matrizes em celas de gestação.



Durante muito tempo, acreditou-se que o sistema de gestação em celas era o mais adequado devido a facilidades e controle da supervisão técnica, manejo diário de alimentação, controle do escore corporal, índices zootécnicos e ausência de brigas. Contudo, à medida que a Ciência avançou e novas tecnologias foram desenvolvidas, o sistema com celas de gestação começou a ser questionado pelo efeito à integridade física e psicológica dos animais, visto que com a restrição do espaço as matrizes podem apresentar problemas, como: laminite (crescimento anômalo dos cascos pela falta de desgaste natural), úlcera gástrica (causada pelo estresse e sistema de alimentação), infecção urinária (devido a falhas no manejo, em situações que as fêmeas permanecem deitadas por longos períodos), fraqueza muscular (falta de atividade física), prolapsos retais (estresse), além de experimentarem emoções como de angústia e frustração, que podem resultar em comportamentos estereotipados. Além disso, com o desenvolvimento educacional e econômico, o consumidor começou a questionar-se sob quais condições os alimentos que estão sobre sua mesa estão sendo produzi-

dos. Isso fez o tema bem-estar animal tornar-se uma questão importante na produção animal. Dessa forma, as condições de produção animal começaram a tomar mais atenção do mercado consumidor.

Uma possível solução, que já está sendo adotada, é a gestação em baias coletivas. Nesse sistema, após a inseminação, as fêmeas permanecem em grupos estáticos ou dinâmicos até próximo ao momento de parição. O manejo coletivo permite que o animal expresse seus comportamentos inatos, como: exercitar-se, interagir com outros animais da sua espécie, explorar o ambiente, delimitar seu espaço de moradia e descanso e estabelecer uma hierarquia social. Através da maior possibilidade de movimentação e fortalecimento do sistema musculoesquelético do animal, a taxa de descarte de animais por motivos de lesões de cascos e membros pode ser significativamente reduzida. Entretanto, o sistema requer uma maior atenção e qualidade de manejo e supervisão. Pois, apesar das vantagens, dependendo do grau de competitividade e estabelecimento da hierarquia, que é evidenciado quando não se tem um bom sistema de for-



Na gestação em baias coletivas, após a inseminação, as fêmeas permanecem em grupos estáticos ou dinâmicos até próximo ao momento de parição

necimento de água com vazão e quantidade de bebedouros adequados, fornecimento de ração com espaço para todos os animais se alimentarem ao mesmo tempo, tamanho dos grupos adequado (densidade), modelo e qualidade de piso apropriado e manejo próprio respeitando as características de cada propriedade, pode haver uma alta ocorrência de brigas e disputas intensas e longas.

O menor controle alimentar gerado pelo sistema de gestação coletiva com alimentação no comedouro pode resultar em grandes variações na condição corporal, que prejudicam o desenvolvimento do feto e causam falhas reprodutivas subsequentes. Esse efeito ocorre devido à monopolização do comedouro durante o arraçoamento pela fêmea dominante. Entretanto, com os avanços tecnológicos, foi desenvolvido o sistema de alimentação automático e individualizado, controlado por uma estação de alimentação. Hoje, este sistema é uma boa solução para os problemas de disputa, hierarquia e falta de controle nutricional nas baias coletivas. Nesse sistema, a matriz recebe um chip, e por uma leitura automática na entrada do comedouro, a porta se abre e é permitida a entrada da fêmea, apenas um animal por vez, sendo que a quantidade de alimento recebido por matriz é mensurado e armazenado no programa. Desta forma, obtêm-se o controle da quantidade de alimento ingerido por cada animal, número de visitas ao comedouro e identificação de qual matriz não se alimentou, permitindo o controle rígido do manejo alimentar individual. Além disso, o sistema permite às matrizes adotarem padrões de alimentação flexíveis, escolhendo os horários e quantidade de alimento ingerido por visita.

Para produtores que não desejam investir no sistema com central de alimentação eletrônica, há ainda a alternativa de utilizar a alimentação no cocho. Nessa opção, a fim de evitar a disputa entre os animais e a monopolização do comedouro, recomenda-se a utilização das estruturas de miniboxes, onde o animal submisso fica protegido do dominante no momento da alimentação, garantindo o acesso ao alimento de acordo com controle individual. Essa é uma escolha utilizada pela maioria das granjas no Brasil e vem apresentando resultados

muito satisfatórios no sistema produtivo.

Mundialmente, a transição para o sistema de alojamento em baias coletivas é uma tendência entre os principais produtores de suínos, o que notavelmente é um caminho sem volta. A União Europeia, que atualmente tem as regras mais rígidas de bem-estar animal do mundo, foi pioneira na questão da abolição das celas de gestação e eliminou-as da produção em 2013. Nos Estados Unidos, nove estados já aboliram: Flórida, Arizona, Oregon, Colorado, Califórnia, Maine, Michigan, Rhode Island e Ohio, mas o que ainda representando apenas 6% das matrizes. Entre os Top 10 aparece apenas Ohio, justamente o 10º do ranking norte-americano. Isso se dá devido a legislações e normativas da esfera estadual, que em muitos casos é mais rígida e restrita, e apesar da baixa representatividade, já demonstra um indício de mudanças. O Canadá anunciou em 2014 a proibição em todo o território nacional do confinamento de matrizes suínas em celas de gestação, medida que deverá ser adotada até 2024. Na Nova Zelândia, a prática foi extinta em 2015 e na Austrália em 2017. No Brasil, até meados de 2014, havia apenas uma granja trabalhando com gestação coletiva. Contudo, no final de 2014, a BRF deu o pontapé inicial anunciando o fim das gaiolas de gestação no prazo de 12 anos. Essa adoção voluntária, junto com a educação e treinamento dos colaboradores, contribui para estimular uma transição rápida sem que o produtor perca competitividade no mercado, pois mostra que a técnica é vantajosa economicamente. Na sequência, a JBS, Aurora e Frimesa (que somadas juntas a BRF detêm mais de 50% do rebanho de matrizes no Brasil) também anunciaram planos de abolição das gaiolas de gestação individuais. Além dessas empresas, há ainda outras que não anunciaram na mídia a transição, mas já vêm trabalhando com o sistema de gestação coletiva, como é o exemplo da Frisia e outras empresas não conhecidas pelos autores. Além disso, as redes de supermercados e de *fast food* têm solicitado a seus fornecedores que se adequem às novas exigências dos consumidores para abolir o sistema de alojamento de matrizes em celas de

gestação, incentivando a transição do sistema de produção. A mudança do sistema de alojamento com celas de gestação individual para baias de gestação coletiva implica numa série de alterações na granja, desde a sua estrutura, aquisição de equipamentos, adoção de novas técnicas de manejo e treinamento do time de colaboradores. Os custos para a mudança do sistema é algo que preocupa fortemente os produtores rurais. No entanto, o investimento depende de cada propriedade. Durante essa fase, deve-se focar no retorno financeiro e impacto no mercado, pois isso é uma oportunidade de desenvolvimento do sistema produtor, onde os investimentos irão retornar na produtividade da granja e em novas aberturas de mercado, favorecendo toda a cadeia produtora de suínos. A Associação Britânica de Produtores de Suínos (ABPEX) estimou uma redução de 5% na produção de suínos durante a fase transitória de 2011 a 2013 para a UE. Entretanto, isso representou apenas 2,2% de queda. O sucesso para minimizar o impacto da transição depende principalmente do empenho dos agricultores, veterinários, transportadores, órgãos do governo, comerciantes, pesquisadores, educadores e cidadãos, pois todos são responsáveis pela cadeia produtora. Além disso, ressalta-se a importância das empresas em prestarem suporte técnico aos produtores, a fim de identificarem possíveis pontos críticos e desenvolverem soluções viáveis antes do desenvolvimento do problema.

A Embrapa Suínos e Aves é referência em pesquisas de bem-estar de suínos. Com o objetivo de contribuir para a melhoria da implantação, gestão e transição do sistema de gestação com celas para baias coletivas, melhorar o conforto e saúde dos animais, e manter níveis de produtividade adequados ao sistema de produção, a empresa vem realizando diversos treinamentos e estudos desde 2016 acerca do tema. Desde a realização do primeiro seminário abordando o sistema de alojamento de matrizes suínas na gestação coletiva, já foram realizados 15 seminários e treinados mais de 3.800 profissionais. Nesses seminários, são apresentados os *cases* de sucesso de cada empresa, e debatidos os desafios e oportunidades para melhoria de cada sistema e granja de acordo com suas particularidades. Esse trabalho é de grande importância para o setor produtivo devido à difusão e troca de conhecimento entre indústrias, centros de pesquisa, universidades, pesquisadores, técnicos e produtores. Contudo, essa oportunidade só está sendo possível de ser concretizado devido ao apoio das empresas e do Ministério da Agricultura, que junto a Embrapa, está financiando os eventos.

No Brasil, devido à legislação anêmica referente ao bem-estar animal, muitas vezes seguimos normas e exigências internacionais impostas por mercados consumidores e que podem não se adequar à realidade de nosso sistema de produção. Diante disso, é importante que as organizações, empresas e institutos de pesquisas lancem mão de discussões e estudos com o propósito de desenvolver normas, exigências mínimas e novas tecnologias que permitam o setor produtivo realizar uma transição sem grandes impactos econômicos para toda a cadeia produtiva e auxiliar a adequação do produtor brasileiro ao sistema independentemente da escala de produção, e até mesmo a abertura de novas linhas de crédito ao produtor e incentivos fiscais.

As mudanças no sistema de produção de suínos não param no sistema de gestação. O próximo passo é a alteração do sistema de parição, onde assim como no sistema de gestação as fêmeas são mantidas em celas que impedem a expressão do comportamento natural da matriz suína, para o sistema de parição em baias. Nesse sistema, as fêmeas permaneceriam em baias com suas respectivas leitegadas sem restrição de movimentação. Contudo, o maior desafio desse sistema é evitar as perdas por esmagamento de leitões, que mais relevantes do que as perdas econômicas, são graves problemas de bem-estar animal devido ao sofrimento de lesões e mortalidade dos leitões. Outras tendências na área de bem-estar animal em outras fases de produção incluem a extinção do sistema de mensagem para identificação de suínos, proibição de corte de cauda e da castração sem anestesia e/ou analgesia independente da idade do animal, e melhorias nas recomendações e métodos de sacrifício de suínos na granja.

Assim, devido a particularidade de cada granja e sistema, cabe aos grandes *players* decidirem o seu modelo de produção. Contudo, o efeito disso pode ser uma imagem negativa frente ao mercado consumidor e causar prejuízos inestimáveis à cadeia. Apesar da legislação anêmica de normas e exigências sobre bem-estar animal, é importante que o produtor continue com o seu dinamismo da cadeia produtora e já saia na frente, adaptando-se ao sistema para poder garantir melhores posições no mercado, pois como já está provado na prática, o consumidor é quem dita as regras, e quem não segue, paga o preço. ¹¹

¹Pesquisador da Embrapa Suínos e Aves

²Doutorando do Programa de pós-graduação em Zootecnia, Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Universidade Estadual Paulista, Unesp